

## A ORQUESTRA SINFÔNICA DO RIO GRANDE DO NORTE — SEU PROCESSO DE CRIAÇÃO

**Ricardo Miguel Kolodiuk Smolinski**  
Doutorado Interinstitucional UNIRIO - UFRN  
PPGM – Musicologia  
*SIMPOM: Subárea de Musicologia*

### Resumo

A Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte é uma das mais importantes instituições musicais do Estado, atuando há 33 anos. O trabalho ora apresentado compreende uma etapa inicial de uma pesquisa mais ampla sobre o desempenho desta Orquestra. Trata-se aqui de uma reconstituição de sua criação e de sua implantação e que se reporta ao período que vai de 1976 a 1978. Ao abordar essa fase importante de uma instituição cultural voltada para a música, a preocupação foi a de pesquisar diversos aspectos tais como o das variáveis que influenciaram a sua criação, a sua performance, e as que ficavam dependentes das decisões das políticas governamentais, locais e nacionais. Os aspectos da sua implantação e os passos que antecederam a sua criação foram reconstituídos na coleta de dados dos principais jornais do Estado e em arquivos públicos, inclusive no acervo documental do *Teatro Alberto Maranhão*; em entrevistas e na compilação de informações sobre a sua programação. A *Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte – OSRN*, vinculada à *Fundação José Augusto*, instituição responsável pela política cultural do Estado, vem se consolidando pela importância de sua atuação na divulgação da música erudita apesar de ter apresentado períodos de grande instabilidade. Investigar uma instituição cultural como uma Orquestra Sinfônica, é procurar na sua história se houve aperfeiçoamento direcionado a um profissionalismo em todas suas atividades. As dificuldades iniciais para o projeto de criação, a falta de profissionais, a necessidade de convocar músicos de fora do Estado, foram registradas. A abordagem também procurou elaborar uma análise sobre a performance, constatando-se um repertório que se restringia do barroco ao clássico. Uma atividade que se sobressaiu foi a exigida pela Secretaria Estadual de Educação em se ter apresentações de Concertos didáticos destinados ao público jovem das escolas estaduais.

**Palavras-chave:** música sinfônica; história; cultura; documentação.

A Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte - OSRN, vinculada à Fundação José Augusto, instituição responsável pela política cultural do Estado, completou em março de 2010, trinta e três anos de atividades e vem se consolidando pela importância de sua atuação na divulgação da música erudita e pelas formas didáticas como se propaga no Rio Grande do Norte. No entanto, ao mergulhar na história de sua atuação, constata-se uma descontinuidade indesejada nos seus projetos, causada pelas constantes transformações na sua estrutura e no modo de conduzir



sua interação com a sociedade. A sua repercussão na cidade de Natal, capital do Estado, merece uma análise, principalmente pela falta de publicações sobre a sua própria história, ou seja, sobre sua formação e sua performance, aspectos de suma importância para toda instituição cultural.

Uma das metas principais dessa pesquisa é a de reconstituir parte importante da história da OSRN e dar forma aos anos em que ela atuou de forma mais destacada, quando se viu interagirem com a música diversos aspectos socioculturais, característicos de políticas governamentais locais e nacionais com repercussão nas áreas da Cultura e da Educação. A memória cultural não é simplesmente o arquivamento de suas atividades culturais, mas, muito mais do que isso. O enfoque histórico cultural pretendido está fundamentado em Le Goff quando afirma que “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF: 2003, p.477).

Investigar uma instituição cultural como uma Orquestra Sinfônica é procurar na sua história se houve desenvolvimento, aperfeiçoamento direcionado a um profissionalismo em todas suas atividades — administrativas e técnicas, nas suas apresentações, enfim, na sua performance em geral. Para isto, é importante o conhecimento do seu passado, como também, dentro da memória coletiva, a própria sociedade tenha conhecimento de suas ações passadas. Tal resgate pode proporcionar a reflexão sobre o trabalho realizado, sobre erros passados e sobre a qualidade do serviço prestado.

O trabalho envolve pesquisa bibliográfica, documental e jornalística como também entrevistas. Partindo do princípio de que a posse de um documento não é suficiente para escrever o que se acredita seja verdade, é necessário checar outros documentos da época, verificá-lo por meio de fotografias, dos programas de Concerto e do permanente cuidado com os dados, utilizando, sempre que possível, critérios de prova. Erros fazem parte dos documentos, a isto nos atenta Jacques Le Goff, que critica a noção de documento por não se constituir em um material bruto, objetivo e inocente, “*Todo documento é um monumento ou um texto, e nunca é “puro”, isto é, puramente objetivo*” (LE GOFF: 2003 p. 30).

Os registros históricos atestam que em época antecedente à criação da OSRN, na área cultural, o Rio Grande do Norte teve momentos de destaque na música instrumental e de concerto, quando se sobressaíram várias Bandas de Música e uma primeira Orquestra com estrutura incipiente. Inspirada nos moldes clássicos, esta Orquestra surge no início do século XX, na marcante administração do governador Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão, conhecido

como o "Mecenas da Arte". O Teatro Alberto Maranhão, hoje designado em sua homenagem, foi por ele inaugurado em 1904, com o nome de Teatro Carlos Gomes.

Nessa época existia uma afluência de músicos europeus, principalmente de instrumentistas de cordas, no Norte e Nordeste do Brasil. Alguns nomes constam nos Anais do Teatro como Joaquim Scipião, Tomazzo Babini, Nicolino Milano, José Bernardo Borrajo, e o maestro italiano Luigi Maria Smido.

A sistematização do ensino de instrumentos eruditos vem da criação da Escola de Música em 1908, que funcionava em um anexo ao Teatro e na qual, muitos dos músicos da Orquestra também davam aula, demonstrando preocupação na formação de músicos na cidade. O escritor Câmara Cascudo faz referência à Escola de Música inaugurada em 1908 e ao Instituto de Música Santa Cecília que “sob a direção do maestro Alcides Cicco”, permaneceu até 1928 (CASCUDO: 1980 p. 428).

A importância desta Escola ficou registrada pelos alunos que, como era costume na época, procuravam centros mais avançados para estudar e trabalhar tendo como primeiro destino a cidade do Recife e depois o Rio de Janeiro. Desses alunos destacaram-se entre outros, Mário Tavares e Aldo Parisot reconhecidos nacional e internacionalmente. O Rio Grande do Norte registra em sua história músicos que se destacaram no cenário nacional e internacional tais como Paulino Chaves, Oriano de Almeida, Cussy de Almeida e muitos outros.

Em 1976 o Rio Grande do Norte passava por um momento de prosperidade. Como base da economia tinha o algodão que propiciava a manutenção da indústria têxtil, o início da prospecção do petróleo e o vislumbre de um futuro promissor no turismo.

Natal, sua capital, marcada pela aviação desde a década de 20, com a travessia Natal-Dakar pelas Companhias aéreas de Correio e, posteriormente, pela instalação de uma base militar americana na época da II Guerra Mundial, tinha características próprias de modernidade em relação às capitais vizinhas.

Na área da música, a principal responsável pelo seu ensino e difusão era uma Escola de Música, órgão suplementar da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que funcionava em um imóvel residencial adaptado, localizado no centro da cidade. Seus principais cursos eram os de piano e violão e, ainda, o ensino de alguns instrumentos de sopro e de violino.

O Brasil ainda estava sob o domínio do governo militar. O governador não era eleito e sim designado. No Rio Grande do Norte, foi indicado para esta fase de transição o Sr. Tarcísio de Vasconcelos Maia, em 1976. Nesta segunda metade da década de setenta, surgiam orientações do Governo Federal para programas sociais e, dentre eles, na área da cultura, a FUNARTE - Fundação Nacional de Arte.

Com o objetivo de registro da história dessa Orquestra, foi realizada no dia 30 de outubro de 2009, uma Entrevista com o Sr João Faustino de Ferreira Neto que, na época da criação da OSRN, era Secretário



Estadual de Educação. Na Entrevista procurou-se o entendimento das razões desse impulso e, é claro, das dificuldades e apoios encontrados. Para ele, dentro de sua concepção do ensino, “uma Orquestra Sinfônica era o que estava faltando, para oferecer educação e cultura de qualidade aos alunos de toda a rede de ensino e oferecer a Natal a oportunidade de se aproximar mais com a Música de concerto”.

Segundo João Faustino, tanto ele como o Governador Tarcísio Maia, procuravam desenvolver um programa educacional amplo e comprometido com a sociedade: “uma sociedade só tem condições de prosperar com uma instituição escolar eficiente, respeitada, séria e comprometida com a sociedade e com seus valores éticos e morais.”

Para dar continuidade, foi solicitado apoio ao FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) em Brasília. Um projeto para a criação da uma Orquestra que teria principalmente uma função didática, a de ir às escolas, foi bem recebido. Como era uma das poucas experiências na época com estas características, o FNDE aprova e assume os repasses para o pagamento dos músicos e os gastos por dois anos. Após este período, o Estado teria que arcar com as despesas. Com estas condições foi levada a proposta ao Governador que concordou e se deu início às burocracias para a criação da Orquestra.

A Funarte, criada na mesma época -1975, no Rio de Janeiro, elabora o projeto *Orquestras* que tinha como finalidade contribuir para a melhoria e a criação de Orquestras sinfônicas pelo País. A Orquestra em Natal, que funcionou os dois primeiros anos com ajuda do Ministério da Educação e Cultura passou a ter também o apoio da FUNARTE em final de 1978.

Com a conjuntura favorável, várias ações foram realizadas na área de educação e cultura. Na área de Teatro, o teatrólogo Inácio Meira Pires, estava prestes a completar 25 anos como Diretor do *Teatro Alberto Maranhão*. Este, tinha um objetivo compulsivo: climatizar o Teatro, uma novidade na época, e devolver a ele o movimento musical, que já tinha sido parte da vida desse Teatro sessenta anos atrás, quando foi extinta a Orquestra anterior.

Após várias tentativas frustradas de encontrar uma pessoa qualificada para o cargo de regente da Orquestra, numa época em que não era fácil encontrar regentes formados no Brasil e muito menos no nordeste, Meira Pires traz o nome do pernambucano Mario Cândia, que em meados de 1976, rapidamente se engaja no projeto.

O Maestro Cândia chega a Natal em 1976, a convite do Governador do Estado, para a implantação da Orquestra e, no primeiro ano, se dedica à árdua tarefa de recrutar os músicos, já que Natal não tinha muitas pessoas qualificadas para isso. Através de seus contatos, inicia busca em outros Estados e até no exterior para contar com um número mínimo de músicos para iniciar os trabalhos.



No seu depoimento da primeira página do jornal da República de 11 de Março de 1977, Mario Cândia ressalta a função que teriam os dois principais organismos responsáveis pela música do Rio Grande do Norte: a Escola de Música da Universidade Federal como formadora de profissionais e a Orquestra Sinfônica como órgão aglutinador e fixador do músico na terra, ou seja, destaca as diversas funções de uma Orquestra Sinfônica, como mercado de trabalho para os músicos do Estado, como incentivadora do jovem a estudar música e responsável também pelas atividades artísticas sinfônicas no Estado.

Mario Cândia elaborou um projeto em três etapas, prevendo as dificuldades normais da região. Para o primeiro ano propôs a formação de uma Orquestra de Câmara, nos moldes do Barroco do séc. XVIII, contando no início com 22 músicos entre cordas e sopros. Para o segundo ano, aumentaria o número de músicos chegando a uma formação de Orquestra Sinfônica do período clássico, ampliando as possibilidades de repertório da Orquestra. Para, em uma terceira etapa, se constituir numa Orquestra capaz de realizar todo tipo de repertório sinfônico.

O Decreto nº 6874-A de 15 de março de 1976, assinado pelo Governador Tarcísio Maia e pelo Secretário de Educação e Cultura João Faustino Ferreira Neto, cria a Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte e dá outras providências. (Diário Oficial, RN de 21 de Abril de 1976). O Decreto é composto de 11 artigos (Ver anexo A-1), onde no primeiro integra a Orquestra à estrutura do Teatro Alberto Maranhão da Secretaria de Educação e Cultura do Governo do Estado e no segundo define sua finalidade de cultivar e difundir a música sinfônica no Estado.

No final de 1976, Mario Cândia começa a definir os músicos que fariam parte da Orquestra. Da cidade do Natal eram apenas quatro, o violinista Roberto Maranhão Bezerra, a flautista Regina Maria de Souza Machado, o clarinetista Ronaldo Ferreira de Lima, e a violoncelista, natural do Rio de Janeiro residente em Natal, Dejair Henrique Borges. Da cidade de João Pessoa foram convidados os violinistas Agmar Dias Pinto e Agmar Dias Pinto Filho. De Aracajú, o violinista Herbert Linhares Junior e o violista Wolney Siqueira Monte Santo. De Recife chegava a maior parte da Orquestra: os violinistas Leonardo Peretti, Ovídio Pascual Pastor e Luiza Maria Dantas de Lima; o violista Otto Schmidt, o contrabaixista José de Barros Chagas, o oboísta Wascyli Simões dos Anjos, o fagotista José Caetano Filho, o trompista Mavíael Celestino e o violoncelista espanhol residente no Recife, José Carrión Dominguez. Convidados por Mario Cândia, chegam em 21 de Setembro de 1976, dois violinistas uruguaios, Rodolfo Pereira Padilla e Ricardo Miguel Kolodiuk Smolinski. Preocupado com a demora na formação da Orquestra, Rodolfo, que foi convidado para a função de spalla, volta para o Uruguai. Finalmente, com Carlos

Alberto de Lima (Carlão), norterio-grandense, que exercia a função de copista e arquivista, se completava a primeira formação da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte.

Em fevereiro de 1977 começam os ensaios da Orquestra. Estes se limitavam a dois dias na semana, em razão de que a maioria dos músicos era de Recife e faziam parte da Orquestra Sinfônica daquela cidade, assim como o regente, que morava em Olinda.

No dia 11 de Março de 1977 é realizado o concerto de estréia da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte no Teatro Alberto Maranhão. No mesmo dia os jornais destacavam a estréia da Orquestra e a reabertura do Teatro que estivera fechado para reformas por alguns meses. Sinfônica marcou a reabertura do Teatro é o título do artigo do jornal O Poti que destaca a fala do governador dizendo que a Orquestra foi criada “não para os intelectuais, mas para ser exibida no interior e escolas da capital” (Jornal O Poti de 13 de Março de 1977, Natal RN).

O repertório do concerto foi composto principalmente de músicas do período barroco e clássico, condizente com o tamanho da Orquestra. A primeira obra executada foi o Concerto Grosso Op.6 nº8 (fatto per la notte di natale) de Arcangelo Corelli. A seguir, a solista convidada para o primeiro concerto foi Atenilde Cunha, norte-riograndense da cidade de Açu, professora de canto da Escola de Música da UFRN, que interpretou três Árias do Messias de J. F. Handel encerrando a primeira parte. Após o intervalo é executada a Sinfonia Nº45 em La Maior (do Adeus) de Joseph Haydn e finalizando Ponteio de Claudio Santoro.

Durante o primeiro ano, a Orquestra cumpriu a meta a que se tinha proposto de fazer concertos oficiais, concertos educativos e no interior do estado. Apesar da previsão inicial do projeto de ter 22 músicos, nos três primeiros concertos só 19 músicos faziam parte da Orquestra. A meta só foi atingida no quarto concerto oficial, chegando-se a ter 23 músicos no palco.

Após a estréia, a Orquestra viaja para Mossoró, segunda cidade do Estado, para sua segunda apresentação no dia 13 de Abril, no Auditório de SESI. Este programa também foi repetido no terceiro concerto oficial, na Igreja de Santana em Caicó, em junho durante a “I Semana da Cultura do Seridó”. A Orquestra volta a se apresentar no TAM no dia 10 de Agosto no seu quarto concerto oficial e traz como atração principal a flautista francesa Odette Ernest Dias. Em 09 de Outubro é realizado o quinto concerto oficial, a Orquestra é convidada a participar da Semana de Cultura e Arte promovida pela Sociedade de cultura artística do Crato no Ceará. O sexto concerto oficial é realizado no TAM no dia 19 de Outubro sempre às 21.00 horas. O programa deste concerto é puramente barroco, com obras de Vivaldi e Bach, tendo dois solistas convidados. O sétimo concerto oficial e último do ano é realizado no TAM em 09 de Novembro.



Durante este ano foram realizados também sete Concertos Educativos em vários estabelecimentos de ensino da cidade do Natal. Os primeiros colégios escolhidos foram a Escola Padre Monte, a Escola Técnica de Comércio, e o Instituto Kennedy. Foram contemplados também o Colégio Estadual do Atheneu e o Colégio Padre Miguelinho, seguidos do Anísio Teixeira e o Colégio Estadual Wiston Churchill.

O primeiro ano da Sinfônica pode ser considerado como um ano de muitas realizações e com apoio total das autoridades. Obtivemos referências sobre sete Concertos Oficiais, dois dos quais no interior do Estado e um fora no Estado do Ceará. Contabilizamos onze Concertos Didáticos e uma apresentação no Campus Universitário para professores e alunos da UFRN, perfazendo um total de 19 apresentações.

A temporada de 1978 se inicia no dia 26 de Abril com um concerto no TAM. Neste ano são realizados 06 concertos em Natal e 04 no interior.

Em 20 de Novembro de 1978, é realizado no Teatro Alberto Maranhão, o quarto Concerto Oficial da temporada. Nesta fase, a Orquestra atinge a sua segunda meta que era a de chegar a um número de músicos compatível com o modelo clássico de orquestra, com condições de interpretar obras de autores como Beethoven. Com o apoio da Funarte, o número de músicos da Orquestra aumenta, passa assim a dispor de 38 músicos. Cabe ressaltar que estes músicos não eram contratados e sim, convidados através do pagamento de cachês e só se integravam à Orquestra nos últimos três ensaios e no concerto.

Neste ano também foram realizados Concertos Educativos nos vários estabelecimentos de ensino da cidade de Natal. Podemos ressaltar que para estes concertos o maestro Mario Cância tinha um esquema simples e prático no qual primeiramente falava sobre a música erudita; a seguir, dialogando com a platéia, mostrava os diferentes instrumentos pertencentes a uma Orquestra Sinfônica e finalizava com uma apresentação de músicas variadas de clássicos leves, com autores nacionais e regionais.

Assim se encerra o que consideramos a primeira fase da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte, período muito atuante com o apoio por parte das autoridades competentes, que resultaram em um maciço comparecimento do público.

A Orquestra procurou integrar-se ao cotidiano do norte-rio-grandense, valorizando sua música e se apresentando nas principais cidades do Estado, com um repertório bem escolhido e compatível com o local e com o número de músicos integrantes da Orquestra.

Apesar do Decreto de criação prever um aumento no número de integrantes da Orquestra, em seu início não foi criado um quadro de músicos com o total que se pretendia atingir. A





quantidade de músicos contratados não passava de 15, os demais recebiam como prestação de serviços e outros participavam como convidados. Isto trouxe alguns contratemplos nas mudanças de governo. No seu percurso constatamos que houve avanços na parte administrativa, foram realizados concursos e foi criado um quadro de músicos que resultou num aumento significativo de componentes da Orquestra, principalmente de músicos da terra.

Constata-se no período inicial um repertório predominantemente barroco e clássico com obras de dificuldade técnica moderada, adequadas ao projeto inicial da Orquestra.

A OSRN, criada há pouco mais de três décadas tem apresentado diferentes momentos, alguns com uma atividade mais restrita, passando depois para outros mais dinâmicos, com apresentações de repertórios mais elaborados. Verifica-se a grande influência da vontade política em incentivar ou não esta atividade cultural. No entanto, o estudo em andamento busca encontrar as variáveis mais destacadas para os retrocessos e avanços dessa Instituição que sempre esteve ligada ao poder público do Estado.

### **Referências bibliográficas**

CASCUDO, Luis da Câmara *História da cidade do Natal* 2ª. Ed. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira; Brasília, INL: Natal: UFRN, 1980.

LE GOFF, Jacques *História e Memória*. 5.ed. Campinas: Editora da Unicamp. 2003.

PIRES, Meira *História do Teatro Alberto Maranhão: 1904 a 5.3.1952* Natal, FJA, 1980.

### **Outras fontes**

TAM. Livro de Registro, Arquivo do Teatro Alberto Maranhão, Natal 1904

Jornal “A República” de 11/03/1977, Natal RN

Jornal “Tribuna do Norte” de 13/03/1977, Natal RN

Entrevista com João Faustino Ferreira Neto, realizada em Natal, RN em 30/10/2009

Programa do Concerto da OSRN, Natal: 20/11/1978.

